

COISAS, GESTOS E TRAJETOS DE UMA CLÍNICA EM REDE: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE FERNAND DELIGNY

Lorena Martha Roberto¹
Adriana Barin de Azevedo²
Guillaume Sibertin-Blanc³

Resumo: Este artigo investiga de que modo a superfície de um lugar pode sustentar práticas de uma clínica em rede, sublinhando a importância de cuidar do espaço – entendido, na terminologia de Fernand Deligny, como *território, nó de existências* – sobretudo ao acompanhar modos de vida historicamente marginalizados e atravessados por processos de psiquiatria. A proposta central é fazer ver como se engendra, nas práticas, uma atenção às coisas – objetos, gestos e trajetos – que, em cada lugar, formam *repères* (pontos de rastreio) entrelaçados, capazes de sustentar os corpos no espaço. Nessa perspectiva, realiza-se um sobrevoo por certos conceitos de Deligny que permitem pensar com as situações, sem a pretensão de explicá-las. Como metodologia de pesquisa, o estudo entrecruza algumas cenas descritas por aqueles que conviveram com crianças autistas nas *aires de séjour* (áreas de convivência) das Cévennes e duas narrativas contemporâneas, escritas em contextos distintos: uma em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes e outra em um serviço de atenção psicossocial. Pensar com Deligny contribui, assim, para a construção de uma clínica que tensiona continuamente tanto a lógica moderna da doença mental quanto a lógica atual do transtorno, abrindo espaço para uma escuta dos trajetos e, especialmente, para a possibilidade de percorrê-los em conjunto.

Palavras-chave: pontos de rastreio; clínica em rede; território; Fernand Deligny.

-
- 1 Psicóloga pela Universidade Federal de São Paulo e pós graduada em filosofia pela Universidade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis.
 - 2 Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP e professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.
 - 3 Professor de filosofia na Universidade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis e co-diretor do Laboratório de estudos e de pesquisas sobre as Lógicas Contemporâneas da Filosofia (LLCP EA-4008 | Université Paris 8).

-- ARTIGO RECEBIDO EM 29/10/2025. ACEITO EM 17/11/2025. --

DE COSES, DES GESTES ET DES TRAJETS D'UNE CLINIQUE EN RÉSEAU: QUELQUES CONTRIBUTIONS DE FERNAND DELIGNY

Résumé: Cet article interroge la manière dont la surface d'un lieu peut soutenir les pratiques d'une clinique en réseau, en soulignant l'importance de veiller à l'espace – conçu, dans la perspective de Fernand Deligny, comme un *territoire*, un *nœud d'existences* – notamment dans l'accompagnement de modes de vie historiquement marginalisés et traversés par des processus de psychiatrisation. L'enjeu central consiste à faire voir comment s'engendre, dans les pratiques, une attention aux choses – objets, gestes et trajets – qui, en chaque lieu, forment des *repères* enchevêtrés, capables de soutenir les corps dans l'espace. Dans cette perspective, s'élabore un survol de certains concepts deligniens, permettant de penser avec les situations sans prétendre les expliquer. Sur le plan méthodologique, l'étude croise des scènes issues des *aires de séjour* cévenoles, décrites par ceux qui ont vécu auprès d'enfants autistes, avec deux narrations contemporaines rédigées dans des contextes distincts: l'une au sein d'une institution d'accueil pour enfants et adolescents, l'autre dans un service d'accompagnement médico-social. Penser avec Deligny contribue ainsi à la construction d'une clinique qui met continuellement à l'épreuve, à la fois, la logique moderne de la maladie mentale et la logique actuelle du trouble, ouvrant un espace d'écoute des trajets et, surtout, la possibilité de les parcourir ensemble.

Mots-clés: repères; clinique en réseau; territoire; Fernand Deligny.

1 INTRODUÇÃO

Na volta, paramos sobre uma grande rocha plana, à beira do riacho que corre forte nesta estação. Eu leio um livro; Janmari, deitado de barriga para baixo sobre a rocha, solta pequenos gritos, os lábios rente à água. Parece que a água atravessa todo seu corpo e o faz estremecer. Mal chegamos de volta, nas escadas que levam ao terraço, Janmari bate em sua coxa e morde o suéter. Imediatamente vejo o que o deixa contrariado. Partimos sem demora para buscar a pequena bengala esquecida sobre a rocha (Lin, 2019, p. 48-49) [nossa tradução].

Este artigo parte de uma pergunta: como fazer da superfície de um espaço costumeiro e dos *pontos de rastreio*⁴ que nele se constituem – seus trajetos, gestos e coisas – aquilo que costura e sustenta uma prática em rede? Veremos que isso ocorre na contramão da ideologia humanista, que tende a perceber o outro como semelhante e, assim, acaba por violar – mesmo sob a “boa intenção” de empatizar

4 Para o verbo *ce repérer*, traduzido por Lara Christina de Malimpensa como “reparar” em DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018, propomos a tradução “rastrear”, reconhecendo que a discussão permanece em aberto. Os sistemas ou aparelhos de rastreio (*appareils de repérage* [Sévérac, 2018, p. 222]), que articulam pontos de rastreio (*des repères*), remetem a uma amplitude de sentidos que o verbo “rastrear” confere – sobretudo no que diz respeito a esferas da percepção e da sensação que ocorrem antes e para além da consciência. Agradecemos, em especial, a Guilherme Ivo, que nos ajudou a pensar uma tradução que fizesse jus à complexidade do verbo *repérer*. Ver SÉVÉRAC, Pascal. *L'agir au lieu de l'esprit*. Tradução de Adriana Barin de Azevedo e Guilherme Ivo. *Trágica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/2718>. Acesso em: 22 out. 2025.

– as diferenças irreduzíveis entre múltiplos meios⁵. Como escreve Deligny (2018, p. 213): “Considerar o outro semelhante – a si – é uma honra cujo peso esmagou tantas etnias vivazes [...]”.

Para investigar essa questão, optamos por trabalhar com cenas narradas por alguns e algumas que viveram nas *Cévennes* (Cevenas) – região montanhosa no sul da França – onde, em 1967, Fernand Deligny se instala e participa da tentativa de construir uma *vida em comum* junto a crianças ditas autistas, muitas delas consideradas “invivíveis” pela psiquiatria da época⁶. Algumas dessas crianças – Janmari, Yves, Anne, Marie-Pierre, Christophe, Cornemuse e Lucien – ali cresceriam, tornando-se adultas, a maioria vivendo à margem da linguagem e, com isso, da possibilidade de simbolizar o mundo.

Relatos como o que abre este artigo conferem espessura àquilo que a escrita poética e rigorosa de Deligny não poderia, por si só, fazer sentir. Essas cenas são narradas por aqueles que vieram a ser chamados de “presenças próximas”⁷, e não de cuidadores, pois, nas áreas de convivência – *aires de séjour* – que compunham a rede, buscava-se um afastamento das nomeações típicas das práticas terapêuticas vigentes, ao mesmo tempo em que se afirmava a escolha de conviver com as crianças e de construir um lugar favorável a esse modo singular de existência. Entre as presenças próximas – nenhuma delas especialista da saúde – estavam Jacques Lin, ex-operário do subúrbio parisiense; Guy, que, em vez de seguir a tradição familiar e tornar-se agricultor, escolheu viver junto às crianças; e Gisèle e Any Durand, filhas de uma mãe que fugira da guerra civil espanhola (Lin, 2019, p.50).

Em conversa com tais descrições, apresentaremos também duas cenas, referentes a situações narradas por trabalhadoras do campo da saúde junto a diferentes modos de vida: alguns marcados por longas internações psiquiátricas, outros por processos de institucionalização em serviços de acolhimento. Essas cenas se entrelaçam com os conceitos que Deligny faz circular e, sobretudo, com a prática de viver, narrar e traçar cotidianos nos quais algo de um “corpo comum” pode ser experimentado, sempre com o risco de se esvair no momento em que, assim, o nomeamos⁸.

5 A noção de “meio”, retomada diversas vezes por Deligny ao longo de sua obra, é apresentada de forma precisa pelo etólogo Jacob von UEXKÜLL no livro: UEXKÜLL, Jacob von. *Mondes animaux et monde humain suivi de la Théorie de la signification*. Paris: Éditions Denoël, 1965.

6 Para a transcrição completa do texto proferido por Fernand Deligny no filme *Ce gamin-là*, de Renaud Victor, ver: DELIGNY, Fernand. *Cahiers de l'immuable*, n. 2, *Recherches*, n. 20, 1975. In: DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017, p. 872-885.

7 A função da *presença próxima* na organização do cotidiano de cada área de convivência está presente na descrição de *rede* proposta por Sandra Alvarez de Toledo em DELIGNY, Fernand. *Cartes et lignes d'erre – traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979*. Paris: L'Arachnéen, 2013, p. 11.

8 DELIGNY, Fernand. *Cahiers de l'immuable*, n. 3, *Recherches*, n. 24, 1976. In: DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017, p. 964.

No cotidiano das Cevenas, as presenças próximas traçam *linhas costumeiras*, ou seja, realizam um conjunto de afazeres diários referentes às coisas mais básicas do dia a dia relacionadas a preparar a comida, buscar água na fonte, cortar a lenha, assar o pão, pastorear as cabras... A partir dessa repetição, um cotidiano vai se *ornando* e os movimentos das crianças autistas vão se desenhando – as chamadas *linhas de errância* que dizem de uma capacidade de agir desprovida de finalidade e intencionalidade, que Deligny distingue do *fazer*, próprio do ser *consciente de ser* – aquele que busca um efeito deliberado em suas ações⁹. É claro que essas dimensões se enredam e se tocam. As linhas de errância das crianças e as linhas costumeiras que configuram o cotidiano entrelaçam-se e, na maioria das vezes, os trajetos se confundem a tal ponto em que já não é possível distingui-los. No entrecruzamento das linhas, os corpos e coisas vão, assim, encontrando uma marcação no espaço, um lugar onde é possível pousar e transitar.

Como vimos, diante do riacho, uma criança pouso o corpo e *solta pequenos gritos, os lábios rente à água*, mas quando algo é esquecido ou posto fora do lugar de costume, a mesma criança chora, bate no corpo – os corpos do espaço, da rede, da criança desorganizam-se. Antes de dormir, Janmari choraminga, se balança e bate a cabeça contra a parede. Jacques Lin não sabe o que o aflige até se deixar guiar, em plena escuridão, pelo menino, rumo ao lugar onde lancharam naquela mesma tarde – ali, onde as cascas de laranja ficaram, do avesso, sobre a grande rocha. O menino as desvira e retorna à cama (Lin, p. 40-41). O riacho que corre ao lado da casa, a *presença próxima* que se deixa guiar e não atrapalha, uma pedra onde se costuma deitar, uma bengala, cascas de laranja: tratam-se de coisas que participam do meio de uma criança, compondo o que Deligny chamou de pontos de rastreio.

Mas por que se preocupar tanto com o aracniano se ele se faz por si só? Não, justamente. Crie uma aranha numa placa de vidro: talvez lhe venham esboços do tecer, mas no vazio, pois a placa de vidro é o vazio, simplesmente porque não há suporte possível, e os gestos da aranha, obstinadamente reiterados, exatamente os mesmos gestos que permitiram tecer, tornam-se os tantos espasmos a preludir a agonia do aracniano (Deligny, 2018, p.40).

Como na teia de aranha, onde pequenas pérolas de visgo se conectam com pontos no espaço – um galho, um canto da sala, uma janela – lhe conferindo sustentação (Deligny, 2018, p.29-30), há também uma série de pontos de rastreio que amparam um território, que sustentam a trama da rede. É nesse sentido que Deligny propõe o conceito de aracniano em ressonância com o que entende por rede, pois assim como uma aranha não pode tecer sua teia sobre uma placa de vidro, uma existência não pode se desenrolar sem certos pontos de sustentação que amparem seus gestos e seus trajetos. Ao mesmo tempo, Deligny aponta os limites de tal analogia ao notar que a aranha, por sua vez, não é social: “[...] enquanto

9 *Id. Les détours de l'agir ou le moindre geste*. Paris: L'Échappée belle/Hachette Littérature, éd. orig. 1979. In: DELIGNY, Fernand. Œuvres. Paris: L'Arachnéen, 2017, p. 1252.

formigas, cupins e outros trabalham em coro; assim também, o homem” (Deligny, 2018, p. 24).

Em um mapa retrospectivo (Deligny, 2013, p. 194), Jacques Lin desenhou algumas coisas pertencentes aos meios de algumas crianças, em diferentes períodos. Para Cornemuse: um cajado, uma cafeteira, uma pedra, um baú. Para Youssef: um baú de mantimentos, água, uma baguete. Para Marie-Pierre: a pedra grande em frente à bacia para lavar roupa. Para Janmari: uma pedra que serve para travar a porta que bate à noite, uma bengala, uma pia onde é lavada a louça, a grande rocha à beira do riacho sobre a qual ele deita... Uma mesma coisa coincide em diferentes meios e nem por isso remete a um uso fixo, mas se transforma em um *marcador-coisa*, capaz de provocar ou permitir toda uma variedade de gestos de agir. Para Anne, por exemplo, um cesto vazio quase nunca lhe sai da mão, mesmo quando ela tem coisas para carregar. Ela se sobrecarrega na outra mão, transportando uma porção de coisas de um canto a outro da área de convivência e, quando as últimas coisas, equilibradas sobre a pilha, acabam caindo no chão, ela as recolhe sem se desapontar (Deligny, 2017, p. 1335).

Podemos, enfim, nos perguntar: que condições tornam, a cada vez e a cada caso, um espaço habitável e uma existência vivível? Como se exerce, na prática, uma atenção ao que Deligny chamou de território, nó de existências, em que o “nós” que o habita não é concebido como a mera soma de particularidades (Deligny, 2017, p. 958)?

2 TRAÇADOS DE UMA CLÍNICA EM REDE

2.1 Formas e *aí*s que a sustentam

Saímos do serviço de acolhimento. Algumas crianças atravessam a rua fora da faixa, outras atravessam correndo. Pedro faz a “cara do Gato de Botas” sempre que entramos em certos lugares que chamam a atenção das crianças: loja de pipas, papelaria, bicicletaria e loja de ração – com seus pintinhos, calopsitas, peixinhos e outros bichos. Wilson reclama: “Ele fica pedindo, parece até que a gente passa fome...” Na calçada, uma conversa é tentada com o grupo. Pedro não reage muito, mas parece compreender que aquilo deixa o colega desconfortável. Pouco tempo depois, Pedro faz novamente a “cara do Gato de Botas”, dessa vez para o dono da bicicletaria que lhe dá de presente uma bicicleta meio carcomida. COMO ELE CONSEGUIU?! É preciso lhe dizer que não será possível levar a bicicleta, já que no abrigo nada é de ninguém: as chuteiras e meias se misturam e somem, não é permitido colocar ursinhos de pelúcia sobre as camas, nem adesivos na porta do armário. Choro, conversa, e, então, algum acordo se esboça: “e se a gente pedisse pro dono da bicicletaria pra guardar a bicicleta pra gente e nos emprestar a cada vez que sairmos juntos?”. É o que acontece nas semanas seguintes. “E agora? Apenas Pedro vai andar de bicicleta?”. A “cara do Gato de Botas” já parece incomodar

*menos Wilson. As crianças revezam a vez de pedalar até o final da rua, naté onde o olhar do grupo alcançar. É o combinado que fazemos.*¹⁰

É ao lugar, para além do sujeito, que a *presença próxima* é chamada a dirigir sua atenção¹¹. Nos serviços de saúde e assistência, as restrições e palavras de ordem instituídas – *não pode colar adesivos, não pode ter bichinhos de pelúcia, se não arrumar a cama, não vai ganhar bombom, não vai ao passeio...* – tendem a minar os devires instituintes e obstruir os canais do pensamento e da prática em rede. Ora, por mais enrijecidas que sejam certas instituições – da justiça, da linguagem, dos especialismos – persistem, entre elas, aberturas sutis ao acaso, a acordos que vão se compondo na medida em que se propõe viver certa vida em conjunto, por menores e mais fugidios que sejam. Um serviço de acolhimento rarefeito de pontos de rastreio pede que a trama se estenda para além dele, pelas ruas do território, por pontos que possam sustentar outras experimentações, como este senhor que pôde ser o guardião de uma bicicleta que se torna coletiva não a partir de uma proibição, mas de uma negociação.

Deligny (2017, p. 1152) chamou de *ornado* tudo aquilo que se refere às formas que constituem certo lugar, suas múltiplas assinaturas – gestos, posicionamento dos corpos e das coisas – no território. Haja ou não uso da palavra, consideramos, portanto, as coisas e os caminhos como condutores de *nós* comuns de existência. No entanto, ainda que tenhamos pistas ou possamos estar atentos àquilo que *faz rastreio*, muitos dos trajetos e das coisas que cartografam determinada vida passam despercebidos àquilo que Deligny identifica como este outro “nós” – o homem–que–somos – fruto de um longo processo de domesticação (Deligny, 2018, p. 67). O projeto de homem civilizado que desrespeita outras formas de vida em prol do pretendido progresso (Deligny, 2017, p. 1277) é o mesmo que nos dá o aval quando pretendemos compreender, a partir de nosso próprio ponto de vista, o que haveria a *se* perceber no espaço habitado e rastreado por outros modos de vida¹².

Certos pontos de coincidência, muitos deles invisíveis a nossos olhos, Deligny chamou de *chevêtres*: os *aís* no espaço, que funcionam como pontos de atração e compõem um campo comum às crianças: “[...] onde as linhas de errância se recortam, se entrecruzam, no espaço e ao longo do tempo” (Deligny, 2018, p. 161). Ora, nos espaços que investem em cuidados em saúde, saúde mental, ou ainda no

10 A narrativa refere-se a uma situação vivida por uma trabalhadora da saúde em uma unidade de acolhimento de crianças e adolescentes na Baixada Santista. Os nomes das crianças foram alterados, e o da trabalhadora foi anonimizado, de modo a preservar a identidade das pessoas que compuseram a cena.

11 Para fazer ver a importância do lugar na obra de Deligny, nota-se uma distinção que o autor faz entre um “não-lugar” do inconsciente na psicanálise e o *topos*: “[...] área onde se leva uma vida costumeira e se realiza uma busca, e as duas coisas caminham juntas.” DELIGNY, Fernand. *A criança preenchida*. In: DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 161.

12 *Id. Le croire et le craindre* (1978). In: *Id. Œuvres*. Paris: L’Arachnéen, 2017, p. 1147.

que vem se nomeando como *bem-viver*¹³, alguns dispositivos – sempre sujeitos à burocratização que lhes ameaça – podem permitir entrever, ainda que parcialmente, os *ais* do território onde se faz corpo comum; isto é, certos modos e formas pelas quais as vidas se organizam e se sustentam.

É o caso, por exemplo, do dispositivo dos mapas, traçados pelas presenças próximas entre 1969 e 1979. Ali, o ato de traçar se inscreve numa tentativa de acompanhar ao ar livre os volteios, enroscos, os pontos de parada onde coincidem certos gestos de agir, tensionando leituras que tenderiam a silenciar aquilo que, justamente, não pertence à ordem da linguagem. Se pensarmos que à criança autista nada falta – ao contrário do que a maioria das teorias psicológicas tenderiam ainda hoje a afirmar – a atenção se desloca ao próprio lugar, abrindo espaço para uma nova pergunta: “Mas o que falta aqui, aí, agora?” (Ibid, p.163).

É flagrante que a linha de errância dessa Anne deriva, atraída por todos os pontos onde, nesta área, fizemos fogo ao longo do verão e do outono anteriores. Estamos em março do ano seguinte. Os fogos do ano passado deixaram rastros, para alguns bem visíveis, para outros mal perceptíveis. Durante seu percurso de reencontros, acontece de Anne se agachar, imóvel, exatamente onde, aos nossos olhos, não há nada, nem mesmo o menor vestígio. Na verdade, houve ali um fogo que durou apenas algumas horas (Deligny, 2017, p. 1279).

Nunca sabemos exatamente o que desencadeia um gesto, nem ao certo o que faz com que um *ai* se torne um ponto de rastreio. Anne se agacha onde, há muito tempo, se fazia o fogo, cujos vestígios nos são imperceptíveis. Janmari caminha sobre uma parte do circuito de água – riacho, canais de irrigação, fonte e bacias de recuperação – que continua a passar invisível debaixo da terra¹⁴. Poderiam objetar: trata-se, então, de cartografar individualmente os gestos de cada um? Ora, o que Deligny entende por indivíduo expressa-se através de situações singulares, às vezes ínfimas, que dizem respeito a pontos de emergência de um corpo comum e que só podem ocorrer uma vez que fazem parte e dependem de uma constelação de pontos de rastreio. O indivíduo, para Deligny, não é Wilson, Pedro, a *presença próxima*, Janmari ou Anne, mas a própria rede, expressa em um determinado conjunto de elementos que compõem certa situação. Interessa, portanto, questionar de que modo é possível esquivar dos *pontos de vista* que visam à objetivação científica dos sujeitos e à apreensão imediata das situações, para aproximar-se – sempre de forma parcial – do que Deligny chamou de outros *pontos de ver* (Deligny, 2017, p. 1151). Podemos notar algo desta multiplicidade de pontos de rastreio nos movimentos do menino Cornemuse:

13 Geni Núñez (2022) apresenta esta questão debatida também pelo conselho nacional de psicologia sobre a concepção de bem-viver que responde ao que no mundo ocidental nomeamos por saúde mental. O termo mental não faz sentido para os povos originários que não separam corpo e mente.

14 Os trajetos de Janmari, que coincidem com uma parte do circuito de água, foram traçados por Gisèle Durand na área de convivência de Graniers, em 1975 (DELIGNY, Fernand. Œuvres, L'Arachnéen, 2017, p.1062-1063).

[...] para substituir a vara do abrigo do fogo, fiz-lhe uma espécie de cajado de madeira, do qual agora ele não se separa mais. Por causa disso, dá alguns passos sozinho, que aumentam a cada dia. Na borda das idas e vindas costumeiras do acampamento, coloquei uma grande pedra, em pleno sol. Ela está ali para nada, há semanas. Uma cafeteira está pousada sobre ela, cheia d'água; eu a reencho quando a água evapora, sem nenhuma intenção, sempre para nada. [...] O garoto do cajado, sentado sobre o baú que protege a comida das moscas e das formigas, começa a gritar e a se bater com força. Tento acalmá-lo, mas quanto mais intervenho, mais os golpes nas têmporas se intensificam. Seguro-lhe os braços; ele grita como se estivessem lhe arrancando a pele. Solto-o e reclamo dessa chegada barulhenta. A fileira de banhistas atravessa o acampamento apressando o passo e desce pela encosta até o riacho. De repente, o pequeno homem do cajado, ainda gritando, dirige-se à grande pedra – lugar onde nunca se aventurara. Pega a cafeteira, bebe um gole e se senta como um papa, sobre a grande pedra, em pleno sol. A cafeteira, apoiada sobre os joelhos, ele a segura com uma mão. Com a outra, aperta e agita o cajado, e ali está ele, sacudido por um riso que não tem fim (Lin, 2019, p. 71-72) [nossa tradução].

Para alguns, como no caso de Cornemuse, Anne e Janmari – cujo modo de vida faz com que a linguagem seja apenas um ruído entre outros –, tais acordos espácio-temporais e intensivos tornam-se ainda mais sutis: “O mínimo de nossos gestos é, antes de tudo, alguma coisa. E a mínima coisa pode suscitar todo um mundo de gestos” (Deligny, 2017, p. 910) [nossa tradução]. A cena narrada por Jacques Lin nos confronta com a instabilidade própria de qualquer acompanhamento, com um desequilíbrio constante do qual não se pode livrar, que constitui, ao mesmo tempo, a fragilidade e a força das relações. Os passos do garoto se ampliam com a ajuda de um cajado que sustenta sua postura e lhe permite caminhar. Mas há sempre o acaso que desvia a geografia que se acreditava já traçada: a pedra escaldante, a água na cafeteira e no riacho, os banhistas que passam...

2.2 Compor a rede

Trata-se, então, de participar da rede na qual estamos situados a partir de uma posição descentralizada e em constante mutação: entre permanecer invisíveis a outros *pontos de ver*, tornar-se mais um ponto dentre muitos que fazem rastreio e afetam determinada vida e agenciar outros pontos no território – na maior parte das vezes sem sequer perceber, como quando Jacques Lin enche a cafeteira, “sempre para nada”, ou quando uma trabalhadora caminha com as crianças pelas ruas do território onde se situa o serviço de acolhimento. Jacques não tem a intenção de compreender ou adequar as reações da criança, mas faz interferências discretas que podem ou não lhe fazer rastreio, não porque ele não se importe, mas porque a atenção às coisas que ocupam o lugar se dirige e vem, sobretudo, do próprio território.

Despretensiosamente interessada, a *presença próxima* busca agenciar e trabalhar com as distâncias entre os pontos de rastreio. Por exemplo, quando Marie-Pierre chega ao Serret – uma das áreas de convivência –, ela permanece agarrada às costas de Gisèle sem se afastar dela, nem para dormir, nem para ir ao banheiro. A primeira

separação acontece um dia, enquanto Gisèle estende as roupas no varal. Jacques Lin intervém, permanecendo nas proximidades das duas. Marie-Pierre começa então a circular entre os dois. Aos poucos, Jacques vai se afastando de Gisèle e um território comum se amplia (Miguel, 2016, p. 238). Os caminhos da menina se expandem, assim como seus gestos, até que, um dia, ela mergulha as mãos em um balde, pega a roupa e a torce longamente¹⁵.

Como vimos, esses pontos de rastreio não são obra exclusiva nossa – nós, que recebemos o nome de cuidadores – e, no entanto, estamos sempre ali, envolvidos, na trama que se faz também com cursos d’água, baldes, um cajado, uma bicicleta, uma cafeteira; coisas que não são quaisquer, pois importam e compõem o costumeiro (Deligny, 2017, p. 1145). Para Gilou, outra criança acolhida na rede das Cévennes, por exemplo, a posição exata da esponja sobre a pia tem uma importância singular:

Cada vez que entra na cozinha, seu primeiro olhar se dirige para a prancheta. Alguns centímetros de diferença em relação à “sua visão” do lugar onde a esponja deve estar podem desencadear duas reações em Gilou. Ou ele corrige o posicionamento da esponja, milímetro a milímetro, e tudo fica bem; ou começa a se agitar, morde a parte superior das mãos e bate as costelas com os cotovelos. Quando chega a esse ponto, nada adianta: o desamparo se instala. Se seguramos sua mão, depois de recolocar a esponja no lugar, a calma retorna aos poucos. Se o repreendemos, a agitação se intensifica. O acordo dos poucos que se revezam na cozinha é suficiente para que cada um reconheça o “capricho” de Gilou e respeite o lugar da esponja (Lin, 2019, p. 197) [nossa tradução].

Cada um, a seu modo, faz uso de um aparelho de rastrear muito singular. Como sugere Pascal Sévérac (2017), ao estabelecer ressonâncias entre o pensamento de Deligny e Espinosa, é possível dizer que cada vida singular tem seu “aparelho primordial a ver, a perceber, a detectar, a localizar. A cada um sua aptidão para ser traçado e traçar”. O ato de lavar a louça, também, atrai o agir das crianças por meio de um conjunto de rastreios: a água que corre e os gestos que ela permite, exige ou provoca – despejar, espalhar, encher¹⁶. Ora, cada um tem um jeito de lavar, como relata um visitante da rede, certa vez, em um jornal de bordo: “Para a louça, por exemplo, algo aparentemente banal; ao menos 4 ou 5 maneiras de lavá-la [...]”¹⁷. Janmari, por exemplo, lava um garfo de cada vez, “[...] o suspende no ar e espera

15 Podemos observar o gesto de torcer as roupas e os vais-e-vens de Marie-Pierre no mapa traçado por Jacques Lin na área de convivência do Serret, em março de 1972. DELIGNY, Fernand. *Cartes et lignes d’erre – traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979*, L’Arachnéen, 2013, p.67.

16 DELIGNY, Œuvres, L’Arachnéen, 2017, p. 1300.

17 NORBERT, Z. *Journal d’un “passant”*. In DELIGNY, Fernand, Œuvres, L’Arachnéen, 2017, p.987.

que a água escorra¹⁸”. Ao longo desses movimentos alargados, ele leva o dobro do tempo em relação àqueles que buscam simplesmente dar logo fim ao “a-fazer”.

O que nos liga, portanto, se tece através de múltiplas co-dependências. Neste sentido, cabe a nós trabalhar num limiar permanente e delicado entre nutrir o agir sem deixá-lo atrofiar-se sob o peso de um quadro funcional e interpretativo e, ao mesmo tempo, garantir os contornos necessários para que esses gestos possam existir, evitando que se instalem estados de desamparo excessivamente desconcertantes. Respeitar o costureiro é, portanto, reconhecer no cotidiano pontos de ancoragem que sustentam a rede – essa trama frágil, móvel e complexa dos meios, sejam eles próximos ou distantes, familiares ou dissonantes, visíveis ou invisíveis, de linguagem ou não.

Livros de geografia, de psiquiatria, algumas enciclopédias, pôsteres de viagens, discos, edições antigas e recentes do jornal da clínica, caixas com livros, um rádio que lê fitas cassetes e CDs, fotos da família espalhadas sobre a escrivaninha, sobre a mesa de cabeceira, entre as páginas dos livros... Na biblioteca, Marcos carimba os livros e os organiza em prateleiras temáticas. Toma chá, senta-se, enfim. Ele também parece se organizar em meio aos livros.

Há muitas passagens – coisas deslocadas, esquecidas, trocadas, emprestadas, compartilhadas – entre um ponto e outro da rede: tecidos, revistas, chapéus, roupas para lavar, roupas lavadas, jarras de café, bandejas de medicamentos, copos americanos, plantas, instrumentos musicais, garrafas de groselha, ovos da granja, legumes da horta, gatos, livros, fotografias, jornais, notas e moedas de dinheiro, cigarros. “Vamos lá entregar um suco de laranja e um maço de cigarro pra ela? Ela não parece bem.”; “Precisamos pensar em pedir algumas roupas limpas para aqueles que não estão conseguindo sair da cama essa semana.”; “Pega a guitarra, toca!”; “Quer um gole de groselha?”; “Faz tempo que não mexo nesses discos”; “Minha vitrola quebrou, precisamos levar ao atelier de bricolagem”; “Sim, este livro, estou tentando ler, Freud, você já leu?”; “Pode me ajudar a arrumar essa prateleira?”; “As Maria-fedida estão por toda parte!!!”; “É preciso chamar a manutenção.” Frases que escuto e se espalham entre os corredores, enfermarias, lavanderia, refeitório, cozinha. Já certas coisas mudam menos de lugar, percorrendo quase sempre os mesmos caminhos. Alguns mundos são mais difíceis de acessar. Mas os cigarros... esses sim continuam sempre a circular.¹⁹

A cena faz entrever alguns pontos que compõem e dão liga ao costureiro de um serviço de atenção psicossocial. Trata-se de identificar alguns pontos de rastreio que *ali* se tecem, de improvisar com eles, de oferecer brechas para que o acaso possa advir – por mais paradoxal que isso possa parecer – e, assim, talvez, formar novas conexões. As questões que o trabalho em rede coloca assumem formas por vezes concretas, porém complexas: Como aquele cuja vitrola está quebrada

18 Nos mapas, os gestos também eram traçados pelas presenças próximas. Como é o caso do mapa transcrito por Gisèle Durand, em Graniers, em 1975, que coloca em evidência a amplitude dos gestos de Janmari quando ele varre e quando ele lava a louça, que ora se aproximam, emprestar o fazer das presenças próximas, ora se afastam (Deligny, 2013, p. 232).

19 A narrativa refere-se a uma situação vivida por uma trabalhadora da saúde em um serviço da rede de atenção psicossocial.

encontra aquela que tem discos para ouvir, ou aqueles que participam do ateliê de bricolagem? Como aquele que raramente sai da cama poderia, um dia, tirar uma guitarra empoeirada do armário para levá-la a uma oficina da banda? O que poderia fazer mover um corpo que, outrora, trabalhava a terra no jardim, e que hoje transita tão pouco, atravessado por uma potência de vida enfraquecida? Como aquela que tem gatos poderia encontrar aquele que sonha em ter um?

O costumeiro não pode ser reduzido a um conceito fixo, aplicável a algo inerte. Ao contrário, ele é essencialmente errático, co-dependente daquilo que faz signo ou rastreio em meios que, juntos, compõem um território. Percebemos a diversidade de mundos que podem coexistir em um mesmo lugar – mundos que, historicamente, a lógica manicomial procurou, e ainda procura, apagar, ao instaurar ambientes assépticos, marcados pelo isolamento de indivíduos reduzidos ao estatuto de “doentes mentais” e confinados em celas anônimas, desprovidas de qualquer vestígio singular. Mais uma vez, a aranha sobre a placa de vidro, impedida de agir.

Para que deslocamentos ocorram e para que outros pontos de rastreio possam se constituir, é preciso respeitar e cuidar daquilo que confere espessura ao espaço: atentar-se ao jardim, aos instrumentos musicais, à biblioteca e seus livros, às atividades cotidianas de lavar a louça e fazer a limpeza, ao lugar da esponja sobre a pia, ou seja, aos pontos comuns de criação, de acolhimento, de passagem. Os caminhos podem se alargar e novas composições se construir, mas isso às vezes demanda muito tempo. E, enquanto passantes, só podemos entrever – sempre parcialmente – a complexidade das conexões pelas quais um lugar se sustenta, se transforma, persiste, às quais por vezes somos convidadas a tomar parte, a estar próximas sem invadir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida em rede é uma aposta decisiva para quem busca pensar uma clínica sensível às diferenças, enfrentando todo tipo de semelhança e categorização de modos de existir dos quais tão pouco conhecemos. Mas por que falar em “clínica em rede” em vez de simplesmente “rede”? Com esta afirmação, não visamos de nenhum modo confinar a prática a um novo enquadramento normativo, mas sim ampliar seus contornos – a ponto, talvez, de abandonar o próprio termo “clínica” em favor do que permanece: a noção de “rede”. No entanto, enquanto as formas dominantes de acesso ao cuidado permanecerem oscilando predominantemente entre o asilo – entendido como dispositivo de isolamento, punição e adaptação de comportamentos – e os guias de autoajuda – como vetores de individualização de problemas coletivos –, torna-se necessário manter esse termo em circulação crítica. Trata-se, então, de pensar uma clínica descentralizada das abordagens estritamente médicas e psicológicas, desvinculada da figura do sujeito a ser tratado, aberta à criação de mapas de convivência e atenta aos trajetos que atravessam um território. Em vez de formular, como “cuidadores”, perguntas que fazem cócegas àqueles já tão acostumados a ouvi-las e que podem limitar nossas práticas – Qual é o sintoma? Qual é o diagnóstico? – a rede abre, por vezes de forma indireta e silenciosa,

para outras indagações: quais caminhos são percorridos, quais pontos de rastreio compõem determinado território?

Esse deslocamento não é trivial, na medida em que busca romper ora com a lógica moderna centrada na doença mental, ora com a lógica contemporânea do transtorno, para dar lugar a uma escuta das trajetórias e, sobretudo, à possibilidade de as percorrer junto – por vezes as ampliando, por vezes permitindo que um corpo em deriva possa, enfim, encontrar um lugar *aí* para repousar. Nesta perspectiva, as funções de cuidado se dispersam entre presenças próximas, cada qual – humana ou não, tendo o estatuto de cuidador ou não – participando, à sua maneira, da construção de um lugar onde é possível viver. É provável, ainda, que em certos contextos não ocidentais, as próprias noções de “clínica” ou de “sofrimento psíquico” não sejam nem mobilizadas nem pertinentes.

É precisamente isso que Deligny entrevê: formas de estar junto que escapam às categorias instituídas do cuidado – também nos interstícios da linguagem onde as palavras se suspendem por um instante ou por toda uma existência. Nelas, participa-se de outros modos de fazer relação e de trabalhar o costumeiro: preparando e partilhando refeições, permanecendo em silêncio, perdendo tempo organizando livros em uma prateleira ou esperando os baldes de água se encherem, caminhando pelas cadeias de montanhas, pelos becos, ruas e avenidas que nos cercam. Tudo isso supõe uma condição primeira: o direito ao espaço, à terra e à circulação, que assume um alcance eminentemente político à luz dos conflitos territoriais contemporâneos.

REFERÊNCIAS

DELIGNY, Fernand. *Cartes et lignes d'erre: traces du réseau de Fernand Deligny 1969-1979*. Paris: L'Arachnéen, 2013.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELIGNY, Fernand. *Cahiers de l'immuable*, n. 2. **Recherches**, n. 20, 1975. In: _____. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017.

DELIGNY, Fernand. *Cahiers de l'immuable*, n. 3. **Recherches**, n. 24, 1976. In: _____. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017.

DELIGNY, Fernand. *Les détours de l'agir ou le moindre geste*. Paris: L'Échappée belle/Hachette Littérature, 1979. In: _____. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017.

DELIGNY, Fernand. *Le croire et le craindre* (1978). In: _____. *Œuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017.

LIN, Jacques. **La vie de radeau: le réseau Deligny au quotidien**. Préface de Thierry Garrel. Paris: Le Mot et le Reste, 2019.

MIGUEL, Marlon. *À la marge et hors-champ: l'humain dans la pensée de Fernand Deligny*. 2016. Tese (Doutorado em Artes Plásticas e Filosofia) – Université Paris 8, Paris, 2016.

NÚÑEZ, Geni. Efeitos do binarismo colonial na Psicologia: reflexões para uma Psicologia anticolonial. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org.). **Psicologia Brasileira na luta antirracista**. v. 1. Brasília: CFP, 2022.

SÉVÉRAC, Pascal. Fernand Deligny: o agir no lugar do espírito. Tradução de Adriana Barin de Azevedo e Guilherme Ivo. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 118–135, 2017.

SÉVÉRAC, Pascal. *L'agir au lieu de l'esprit*. Tradução de Adriana Barin de Azevedo e Guilherme Ivo. **Trágica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/2718>. Acesso em: 22 out. 2025.

UEXKÜLL, Jakob von. *Mondes animaux et monde humain, suivi de la Théorie de la signification*. Paris: Éditions Denoël, 1965.